



**SOBRE OS OMBROS DE GIGANTES: OS PILARES CLÁSSICOS DO PRIMEIRO
LIVRO DO *METALOGICON* (1159) DE JOÃO DE SALISBURY (c.1120-1180)**

Carlile Lanzieri Júnior¹⁰

Resumo: A assertiva de Bernardo de Chartres que assegurava que os mestres medievais eram anões sobre os ombros de gigantes foi eternizada pela pena de João de Salisbury. Em sua essência, essa proposta expunha a vontade de conhecer e escrever com base nos clássicos da Antiguidade e dos primeiros séculos cristãos, o que se tornou uma das principais características do Renascimento do Século XII. A partir da análise de possíveis reminiscências dessas obras nas páginas do Livro I do *Metalogicon* de João de Salisbury, tencionamos explicitar o quanto em suas especulações filosóficas este mestre sorveu do método que aprendeu e ajudou eternizar.

Palavras-chave: Idade Média, João de Salisbury, clássicos.

Abstract

The phrase of Bernard of Chartres that ensured that medieval masters were dwarfs on the shoulders of giants was immortalized by the plume of John of Salisbury. In its essence, this propose showed the desire of knowing and writing based in the classics from Antiquity and first Christian centuries, which became one of the main characteristics of the Renaissance of the Twelfth Century. From the analyses of possible reminiscences of those works in the pages of the Book I of the *Metalogicon* of John of Salisbury, we intend explain how much in his philosophical speculations this master absorbed of the method that learned and helped eternalize.

¹⁰ Doutorando em História pela Universidade Fluminense (UFF). Bolsista pelo CNPq. Orientador: Dr. Roberto Godofredo Fabri Ferreira. E-mail: lanzierijunior@uol.com.br.

Keywords

John of Salisbury – *Metalogicon* – Renaissance of the Twelfth Century

Mesmo que seja visível em ti a semelhança com algum autor cuja admiração se gravou mais profundamente em ti, que essa semelhança seja a de um filho, não a de uma estátua: a estátua é um objeto morto (LÚCIO ANEUS SÊNECA. Cartas a Lucílio, Livro XI, carta 84, 8: 381-382)

Quando se fala em Idade Média, infelizmente, não são poucos os que ainda creem se tratar de um vácuo na história da humanidade. Fruto de uma visão distorcida em vários aspectos pelo pensamento liberal burguês dos séculos XVIII-XIX, ela seria um mero vazio tenebroso de mil anos entre o fim do Império Romano e o Renascimento com todos os seus desdobramentos já às portas da modernidade. Um vazio no qual predominaram a ignorância e o subdesenvolvimento sob o poder absoluto da Igreja associada à repressão imposta por uma nobreza arcaica (GUERREAU, s/d: 49-85; PERNOUD, 1994: 16).

Da mesma forma que é enorme o número das pessoas (leigas ou não) que pensam dessa forma (e, publicamente, afirmam suas “convicções” com ares de profundo conhecimento científico), são numerosos aqueles que se surpreendem ao saber que houve, por exemplo, um renascimento cultural bem no coração dos anos considerados como os mais conturbados do medievo: o *Renascimento Carolíngio* (séculos VIII-IX) (BASCHET, 2006: 69).

Ainda que limitado e assinalado por um forte verniz político-administrativo, o *Renascimento Carolíngio* foi caracterizado pela sistemática recuperação do latim e restauração das heranças da Antiguidade romana e cristã (COLOMBÁS, 1991: 198-200). E isso somente se tornou possível graças ao esforço de mestres de origem monástica contratados pelo imperador Carlos Magno (c.742-814) com a intenção de salvar e difundir as obras clássicas da Antiguidade que ainda existiam no Ocidente cristão. Tais ações determinaram a fundação sobre a qual se desenvolveu uma escrita mais acessível e que permitiu uma administração imperial minimamente orquestrada e eficaz (BROWN, 1999: 296-299; FAVIER, 2004: 393-415).

Sem citar uma única fonte primária e parcialmente absorvido pelos ecos do iluminismo, Jacques Le Goff (1995, p. 23) criticou a ânsia de preservação que por décadas consumiu os monges carolíngios. Para Le Goff, eles não divulgavam, mas “entesouravam o saber”, tornando-o um privilégio de um grupo reduzido (“a classe dominante”). Mas preservar não é um bem em si? Não permite que gerações futuras desfrutem do legado que lhes foi deixado? Tanto é que no

século XII, em parte, com base nas heranças produzidas pela empreitada conduzida pelos mestres carolíngios, docentes de diferentes partes da Europa cristã iniciaram o que a historiografia denominou de *Renascimento do Século XII*.

Assim como intentaram fazer os mestres do Império Carolíngio, os mestres do século XII, em escala mais elevada, buscaram absorver e conservar o que de mais belo e profundo a cultura greco-romana lhes proporcionou. Portanto, pela preservação e reprodução dos livros que sobreviveram ao fim do mundo antigo e bem antes dos cultuados renascentistas italianos, os medievais souberam lançar as bases para a construção de um edifício intelectual próprio (COSTA, 2010: 263-264).

Não obstante, fica patente que, para o medievista encontrar as chaves interpretativas adequadas ao seu trabalho investigativo, ele deve recorrer ao universo dos clássicos antigos e dos primeiros séculos do cristianismo, pois nele estavam os pilares que por séculos ajudaram a sustentar as estruturas do pensamento cristão medieval (LACASTA, 2011: 343).

*

Dos centros de difusão de estudos e debates que permitiram esse incremento intelectual, a corrente filosófica ligada à Catedral de Chartres esteve entre as mais ativas. Um de seus primeiros e mais importantes protagonistas foi o mestre Bernardo de Chartres (†c.1124), defensor da importância da familiaridade com os grandes pensadores da Antiguidade Clássica (GILSON, 2007: 315). Ao longo de sua atuação docente, Bernardo protagonizou a formação de gerações de estudiosos que divulgaram suas ideias e metodologia. Um deles foi João de Salisbury.

O que João de Salisbury escreveu em *Metalogicon* é uma importante memória acerca dessa procura pela preservação do conhecimento. Além disso, o seu vasto saber proveniente da leitura dos clássicos pagãos é testemunho dessa prática (BROOKE, 1972: 59). Mas João, como tantos outros da época em que viveu, não se limitou a repetir o que os mestres do passado lhe deixaram: a esses saberes, acresceu algo de si, pois enxergava melhor.

Bispo da Catedral de Chartres nos anos finais de sua existência, João de Salisbury ocupou lugar de destaque na política de então, e chegou a atuar na cúria papal e desfrutar de sua confiança. Obra preciosa para a história da educação medieval (NUNES, 1974: 190), o *Metalogicon*, ao lado de *Policraticus*, dá mostras do estilo literário erudito de João de Salisbury e representa o momento áureo do latim no século XII (LACASTA, 2011: 351). Além disso, a primeira obra trazia uma série de informações detalhadas sobre os métodos educativos vigentes nas décadas iniciais do século XII, assim como seus mais notórios precursores.

Bernardo de Chartres costumava nos comparar a insignificantes anões empoleirados nos ombros de gigantes. Ele nos mostrou que víamos melhor e mais além do que nossos predecessores, não porque tínhamos visão aguda ou altura elevada, mas porque éramos erguidos por essas gigantescas estaturas (JOÃO DE SALISBURY. *Metalogicon*, Livro III, cap. 4: 167).¹¹

As famosas frases que ajudaram a eternizar a pedagogia praticada pelo mestre Bernardo de Chartres foram registradas por João de Salisbury nas páginas do *Policraticus*, livro cuja intenção basilar era reunir e comentar os princípios éticos que deveriam reger a índole política de um governante, e da mesma forma combater a disseminação dos tiranos (FERNÁNDEZ, 2004: 351).

De maneira sumária, Bernardo, a quem João não conheceu pessoalmente, mostrava-se cômico acerca da impossibilidade de relacionar o conhecimento humano apenas a si ou à sua época. Para Bernardo e João, críticos de metodologias rasteiras e demasiado rápidas (VERGER, 2001: 59), era imprescindível obter respaldo nas autoridades do passado: através delas, compreendia-se mais e melhor (BROOKE, 1972: 58-59).

Uma espécie de Platão do século XII em função da manifesta admiração dos discípulos que cultivou, Bernardo de Chartres ajudou a dar tons definitivos ao *Renascimento do Século XII*: o incremento cultural através do que de mais belo e profundo foi produzido pela cultura greco-romana. Ao comentar e refletir sobre os clássicos aos quais tiveram acesso, na esteira dos ensinamentos do chartrense, os mestres medievais também deram vida aos seus clássicos (COSTA, 2011).

Reproduzido pela pena memorialista de João de Salisbury, o método didático de Bernardo valorizava as artes do *Trivium* – Gramática, Dialética e Retórica – e atacava seus detratores (NUNES, 1974, p. 190), entendidos como gente negligente e refratária à disciplina e dedicação exigidas pelos estudos. Para os discípulos de Bernardo, não existia outra alternativa: para se chegar ao conhecimento profundo sobre qualquer questão, era necessário estudar com afinco, e isso passava impreterivelmente pelo trabalho com as disciplinas do *Trivium*.

Não temos dúvidas de que João de Salisbury seguiu as orientações de seu antigo mestre, mas podemos nos perguntar: quem foram os gigantes sobre os quais ele próprio se ergueu ao escrever *Metalogicon*? De acordo com Daniel D. McGarry (1971: xxiii), na introdução da

¹¹ Todas as traduções extraídas de obras publicadas em língua estrangeira são de nossa autoria e inteira responsabilidade.

tradução do *Metalogicon* para o inglês por ele conduzida no início dos anos setenta do século XX, há uma extensa gama de fontes que remontam a autores clássicos gregos e romanos presentes na confecção desta obra.

Ainda de acordo com as análises arroladas por McGarry, esses autores se associaram a nomes pertencentes à patrística e outros de matriz cristã medieval de períodos mais próximos do surgimento da referida obra. Neste ensaio, trabalharemos de maneira sumária com quatro dos nomes apresentados por Daniel D. McGarry: Marco Fábio Quintiliano (35-95 d.C), Lúcio Aneu Sêneca (35 a.C-39 d.C), Agostinho de Hipona (354-430) e Isidoro de Sevilha (c. 560-636). E esses serão distribuídos em três temáticas distintas, porém, complementares: a natureza humana, o descanso para a mente e a importância do sábio se dedicar integralmente aos estudos.

Nosso intento é descobrir as possíveis convergências entre o que eles ensinaram e o que João de Salisbury escreveu e acresceu ao que aprendeu. No momento, analisaremos apenas algumas das reminiscências presentes no primeiro livro do *Metalogicon*.

*

O homem é mal, ganancioso, perturbado e controverso. Assim pensavam nomes de grande prestígio na gênese do pensamento ocidental moderno, como Thomas Hobbes (1588-1679), Karl Marx (1818-1883) e Sigmund Freud (1856-1939). Nada mais distante das concepções medievais para quem, por natureza, o homem era essencialmente bom e poderia se tornar ainda melhor sob a ética cristã. Assim acreditavam e pregavam personagens da envergadura de Bernardo de Claraval (1090-1153), contemporâneo de João de Salisbury, Agostinho de Hipona, Isidoro de Sevilha, entre outros. Vejamos as considerações deste último acerca deste tópico.

Na Espanha visigótica dos séculos VI e VII, o bispo Isidoro de Sevilha – autor citado por João de Salisbury em diferentes passagens do *Metalogicon* –, em *Etimologias* (c.615), espécie de enciclopédia assaz utilizada ao longo de toda a Idade Média (LAUAND, 1998, p. 105), dedicou três livros inteiros à conceituação das *Sete Artes Liberais* – Livro I: Gramática; Livro II: Retórica e Dialética; Livro III: Matemática (Aritmética, Geometria, Música e Astronomia). Ao se referir à Retórica, Isidoro teceu a seguinte afirmação:

A perícia oratória está enraizada em três coisas: na natureza, na doutrina e na prática. A **natureza** está baseada nas coisas inatas; a **doutrina** consiste na ciência; e a **prática se assenta no exercício constante**. Não somente no orador, mas em qualquer outro homem dedicado a uma profissão, esperamos encontrar estas três coisas se

quer chegar à perfeição (ISIDORO DE SEVILHA. Etimologias, livro II, 3.2: 355) (Grifos nossos).

Natureza, doutrina e prática, eis a tríade que nutria o intelecto constituído pela mente isidoriana e que fomentou a união entre saberes clássicos e o cristianismo. Natureza seria a saúde intocada do espírito e do corpo humanos; doutrina era a totalidade dos conhecimentos postos à disposição das pessoas que o buscavam; e, enfim, a prática era o que movimentava a estrutura. Sem essa, de acordo com a acepção de Isidoro, nada funcionava. A soma desses três fatores era a mola-mestra para a transformação e evolução das pessoas.

Todavia, Isidoro de Sevilha não foi o primeiro pensador cristão a escrever sobre a natureza humana. Agostinho de Hipona, outro gigante sob a superfície do *Metalogicon*, o fez em numerosos de seus escritos, como em *A natureza do bem*: “Por mais corrompido que se encontre um espírito vital criado, ele sempre poderá vivificar o corpo; e assim, por esta qualidade, ainda que se encontre corrompido, será sempre superior ao corpo, ainda que permaneça de todo incorrupto” (SANTO AGOSTINHO. *A natureza do bem*, cap. 5: 9).

Em sua essência, o pensamento agostiniano sustentava a existência de uma natureza humana primordialmente boa e maculada apenas pelos pecados cometidos pela vontade das pessoas apartadas da sabedoria e entregues às paixões mundanas. Por ser criação divina, essa natureza poderia recuperar sua condição inicial, dependendo apenas do desejo dos seres humanos.

Se a natureza humana era boa em si aos olhos de Agostinho de Hipona, para Isidoro de Sevilha, ela deveria ser trabalhada. Essas considerações sobre a natureza humana e os estímulos a ela destinados foram assuntos recorrentes nos primeiros capítulos do Livro I do *Metalogicon*. Assim como Agostinho e Isidoro, João de Salisbury confiava na existência de uma natureza que diferenciava os homens dos animais, e esta se evidenciava pela capacidade humana de expressar suas ideias na forma de linguagem.

Porém, João, semelhante a Isidoro de Sevilha, sustentava que essa natureza não crescia por si só: embora inata, ela deveria ser trabalhada, desenvolvida através de treinamentos assíduos e profundos para se tornar realmente digna de ser denominada humana. As críticas tecidas por João de Salisbury e seus contemporâneos a quem defendia o contrário sugerem que a prática educacional feita a partir dessas referências não era uma unanimidade.

Para construir as bases de sua argumentação, João de Salisbury se valeu da história de um estudante indolente e enganador que arregimentava seguidores e a quem simplesmente chamou de “Cornificius”.

No julgamento de Cornificius [...], não há ponto nos estudos para as regras da eloquência, que é um dom concedido ou negado individualmente pela natureza. Trabalho e aplicação são supérfluos onde a natureza espontânea e gratuitamente outorgou eloquência, uma vez que são fúteis e tolos onde ela se recusou a conceder-lhe (JOÃO DE SALISBURY. *Metalogicon*, Livro I, cap. 6: 24).

Para enfatizar o que defendia, João de Salisbury utilizou a reprovação que direcionou aos estudantes preguiçosos e simplistas de seu tempo liderados pela batuta do tal Cornificius. De acordo com este e seus inominados discípulos, a natureza humana decidia sozinha quem se tornaria ou não um sábio. Assim, qualquer esforço mental se tornava inútil e dispensável.

Assentado sobre os ombros de Isidoro de Sevilha e Agostinho de Hipona, João observava e asseverava que a natureza humana perfeita e sã estava entre as condições para o incremento intelectual, mas não era única, como pensava e difundia o alvo de suas críticas. Portanto, de acordo com o autor de *Metalogicon*, o conhecimento nunca aconteceria de modo espontâneo. Ademais, com um leve toque de humor, ele escarnecia de quem imaginava o contrário.

Ainda na esteira do que o mestre João de Salisbury aprendeu e escreveu, a natureza humana era tão somente o ponto de partida para se alcançar a sabedoria. Com efeito, não era ela que atuava sobre os seres humanos, mas eram estes que agiam sobre ela. Pela força do trabalho intelectual, traduzido em aplicação na leitura e debates constantes, os homens tornavam-se sábios e eloquentes.

Mas a natureza humana não era uma máquina a ser usada de forma indiscriminada, como um autômato incansável. Os momentos para repouso também receberam a devida atenção nas páginas iniciais do *Metalogicon*. João de Salisbury tinha consciência de que o ócio regular era necessário ao bom trabalho da mente:

Um certo homem muito sábio [...] disse: “Enquanto a habilidade é inata, procedente da natureza, ela é nutrida pelo uso e afiada pelo exercício moderado, mas é enfraquecida pelo trabalho excessivo.” Se a habilidade natural é propriamente treinada e exercitada, ela será não apenas capaz de adquirir as artes, mas também encontrará atalhos diretos e ligeiros para a realização do que seria naturalmente impossível, rapidamente nos habilitando para aprender e ensinar tudo

que é necessário ou útil (JOÃO DE SALISBURY. *Metalogicon*, Livro I, cap. 11: 36).

Mil anos antes do que fora estampado no *Metalogicon*, Lúcio Aneu Sêneca, autor do mundo antigo do apreço de João de Salisbury, defendeu cuidado semelhante em uma dentre as centenas de cartas que escreveu a Lucílio: “Não te digo que estejas sempre debruçado sobre um livro ou um bloco de apontamentos; é preciso dar à alma algum descanso, de modo tal, porém, que não perca a firmeza, apenas repouse um pouco” (LÚCIO ANEU SÊNECA. *Cartas a Lucílio*, Livro II, carta 15, 6: 52).

Alheios ao tempo que os distanciava, os pensamentos de teor pedagógico de João de Salisbury se harmonizaram com os de Sêneca. Para ambos, o descanso da mente era imprescindível no processo educacional. Por seu turno, o enfado e a repetição excessiva não se prestavam à forja dos sábios. No fundo, ambos sustentavam que o distanciamento controlado aguçava a vontade de aprender e afastava os males da rotina.

Por fim, a passagem do *Metalogicon* logo acima transcrita formaliza uma das asserções pedagógicas mais explícitas que nosso autor cunhou. Estudar, descansar, variar os tópicos de ensino para aliviar e não entediar os estudantes: até Deus descansou depois de criar o mundo!¹² Esse cuidado com cada passo dado na educação de uma pessoa entendia que o tempo era inimigo dos apressados, pois os sábios eram gestados de modo lento e gradual, sem atropelos.

À época do *Metalogicon*, igualmente identificamos diversos testemunhos dessa pedagogia que se orientava pelo avanço cauteloso, mas com todos os conhecimentos plena e profundamente absorvidos, como em Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125)¹³ e Hugo de São Vítor (1096-114).¹⁴ Para eles, em diálogo com clássicos do passado, o ócio deveria ser uma

¹² “Assim foram concluídos o céu e a terra, com todo o seu exército. Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda a obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda sua obra de criação” (Gn 2, 1-3).

¹³ “Creio que qualquer espírito concentrado em um objeto determinado deveria trabalhar variando a atenção. Alternadamente, pensando sobre uma coisa e depois outra, nós deveríamos ser capazes de nos voltar para a única coisa sobre a qual nossa mente mais se interessa, como se renovada pela recreação que nos permitimos. A natureza também tende a ficar cansada e deveria encontrar remédio na variedade de labores. Recordamos que Deus não instituiu o universo uniformemente, mas nos permitiu desfrutar as mutações do tempo – dias e noites, primavera e verão, outono e inverno. Pessoas que recebem o nome de mestres deveriam encontrar maneiras de variar a disciplina das crianças e dos jovens. Em minha opinião, mesmo estudantes, que têm a sanidade de pessoas mais velhas, não deveriam ser tratados de forma diferente” (GUIBERTO DE NOGENT. *Monodiae*, Livro I, cap. 5, p. 35).

¹⁴ “Deve-se saber, além disso, que a leitura costuma criar aborrecimento e afligir o espírito de duas maneiras: ou seja, 1) pela qualidade, se for demasiado obscura, e 2) pela quantidade, se for demasiado prolixa.

espécie de recreação para a mente e uma maneira de substituir a repetição infrutífera por reflexão.

Voraz com a insignificância humana diante da grandeza de Deus, o tempo, segundo a ótica dos mestres medievais, eternizava os sábios devotados ao labor subjacente ao domínio do universo das letras e desentocava os estultos preguiçosos, condenando-os ao esquecimento. Justo com as mentes que o reverenciavam e respeitavam, o tempo era a lâmina de fio preciso manobrada pelos punhos da probidade e que ceifava os embusteiros de seus campos.

Mas a mesma busca por conhecimentos filosóficos que libertava o homem de seus vícios e carecia do ócio para aliviar a mente de sua labuta diária, não se satisfazia com migalhas de tempo, pois não era uma atividade feita nas horas vagas (Nunes, 1974, p. 65), assim pensava Sêneca.

Somente a filosofia poderá acordar-vos, só ela poderá sacudir-nos de um sono pesado: dedica-te inteiramente a ela! Tu és digno dela, como ela é digna de ti: uni-vos num recíproco abraço. Recusa entregar-te a tudo o mais, com coragem, com decisão; ser filósofo a meias, isso é que nunca (LÚCIO ANEU SÊNECA. Cartas a Lucílio, Livro VI, carta 53, 8-9: 183).

De acordo com Sêneca, a filosofia exigia total entrega de seus seguidores. Uma vida de dedicação plena precedia a formação dos doutos. O conselho que Sêneca propôs igualmente se manifestou em João de Salisbury. E uma vez mais, retornamos às críticas de João a Cornificius e seus discípulos: “Esses doutores ‘recém-cozidos’ gastam mais horas dormindo que acordados em estudos de filosofia, e foram educados com menos esforço que aqueles que, de acordo com a mitologia, depois de dormirem no monte Parnaso, imediatamente se tornaram profetas” (JOÃO DE SALISBURY. *Metalogicon*, Livro I, cap. 3: 15).

Pelas pegadas deixadas por Isidoro de Sevilha, João de Salisbury se orientava e defendia que a natureza humana precisava ser moldada para não perecer. Com Sêneca, ele aprendeu que o tempo destinado a tal ação não poderia ser casual. Assim, em diálogo com aquilo que esses mestres do passado lhe deixaram, João propunha que um longo tempo era necessário para a gênese dos sábios, talvez o período de uma vida inteira. Mas ele também sabia que esse tempo deveria ser preenchido com dedicação medida e ordem nos estudos.

Nas duas coisas é necessário usar moderação, para que o alimento desejado para a indigestão. Há pessoas que querem ler tudo. Você não queira competir. Se contente. Não se preocupe se não ler todos os livros. O número de livros é infinito, e você não queira ir atrás dos infinitos. Onde não há um fim, não pode haver repouso. Onde não há repouso, não há nenhuma paz. Onde não há paz, Deus não pode habitar” (HUGO DE SÃO VÍTOR. *Didascálicon*, Livro V, cap. 7, p. 225).

Outros dois aspectos da pedagogia de Bernardo de Chartres que mereceram a atenção de João de Salisbury foram a aplicação de castigos físicos em jovens estudantes indisciplinados e preguiçosos e o exercício diário dos ensinamentos aprendidos.

Em alguns casos, ele se fiava na exortação, em outros, recorria a punições, tais como surras. Cada estudante era diariamente requisitado a recitar parte do que ouviu no dia anterior. Alguns podiam recitar mais, outros menos. Assim, cada dia subsequente se tornava o discípulo do precedente (JOÃO DE SALISBURY. *Metalogicon*, Livro I, cap. 24: 68).

Já tratamos dessas questões em oportunidades anteriores (LANZIERI JÚNIOR, 2009, p. 64-76 e 2011: 1-12). O consenso ao qual chegamos é que os castigos, assim como a manutenção diária das lições, eram recursos habituais há tempos disseminados nas escolas ligadas a mosteiros e catedrais. Se a prática constante era responsável por assentar e lapidar os conhecimentos, as surras promovidas por Bernardo de Chartres e por tantos outros que o precederam não podem ser confundidas com violência ou agressão desmedidas, excessos condenados em diversas ocasiões.¹⁵

A bem da verdade, os castigos físicos eram normalmente direcionados aos mais novos, na maioria, ainda incapazes de controlar suas vontades. Com efeito, se a carne (corpo) os levava ao pecado, era através dela que seriam corrigidos, pois esta era a linguagem que entendiam. Para aqueles que compreendiam as lições sem dificuldades, usava-se a palavra (“exortação”), aos vagarosos, o açoite. Todavia, não existia vez para o engano: ainda que por vias distintas, todos deveriam chegar ao mesmo destino.

Não obstante, a aplicação de pancadas na fase inicial do processo educacional é observada em várias manifestações artísticas do século XII que representaram a Gramática (destaque para os traços arquitetônicos das fachadas de catedrais como Chartres e Sens),

¹⁵ “Já viu um artesão que se contenta em bater uma lâmina de ouro ou prata para fazer uma bela imagem? Não creio. O que faz depois? Para dar forma conveniente ao metal, o oprime e golpeia docemente com algum instrumento, depois lhe pega com as mais delicadas pinças e lhe modela com ainda mais suavidade. Se desejam que seus filhos adquiram bons costumes, temperem as correções corporais com bondade paternal, com assistência cheia de suavidade” (EADMERO DE CANTERBURY. *Vida de Santo Anselmo*, cap. IV, 30-31, p. 23); “Seja vedada no mosteiro toda ocasião de presunção, e determinamos que a ninguém seja lícito excomungar ou bater em qualquer dos seus irmãos, a não ser aquele a quem foi dado o poder pelo Abade. Que os transgressores sejam repreendidos diante de todos para que os demais tenham medo (1 Tm 5, 20). A diligência da disciplina e guarda das crianças até quinze anos de idade caiba a todos, mas, também isso, com toda medida e inteligência. Quem de qualquer modo o presume, sem ordem do Abade, contra os que já são mais velhos, ou bater sem discricção mesmo nas crianças, seja submetido à disciplina regular, porque está escrito: Não faças a outrem o que não queres que te façam (Tb 4, 16)” (A Regra de São Bento, cap. 70, 1-7, p. 333 e 335).

primeira das *Sete Artes Liberais*: quase sempre, ela trazia nas mãos um livro e uma vergasta intimidadora (CLEAVER, 2009).

Cumprida essas etapas, João de Salisbury entendia que o homem se livrava do que fosse mundano e se elevava. E essa elevação acontecia justamente por ele ser capaz de refletir e expressar seus pensamentos na forma de linguagem, e seria esta o ponto que o afastava e diferenciava das bestas:

Privados do dom da fala, os homens se degradavam à condição de animais brutais, e as cidades mais se pareciam com currais para pecuária, mais do que comunidades humanas unidas por um elo para a proposta de viver em sociedade, servindo um ao outro, e cooperando como amigos (JOÃO DE SALISBURY. *Metalogicon*, Livro I, cap. 1: 11).

Se a capacidade de falar e se expressar eram virtudes humanas, a consequência de seu uso eram a organização da vida em sociedade. O inverso, era a desordem e o rebaixamento da condição humana. Portanto, na acepção de João de Salisbury, a linguagem e suas diferentes expressões não eram meros mecanismos que permitiam a dominação dos seres humanos sobre os ambientes nos quais viviam, mas o fim da existência. Se ela civilizava e cultivava a sensibilidade da alma, sem ela, prevalecia a repetição, a falta de criatividade, enfim, o animalesco.

*

Aprender com o passado e com a sapiência de seus mestres. A eles acrescer algo. Assim pensavam os mestres do *Renascimento do Século XII*. Afeitos à memória e ao respeito por aqueles que os precederam, homens como João de Salisbury mostraram-se capazes de enxergar muito além dos limites individuais e cronológicos da época em que viveram. Através do que sorveram dos clássicos de outrora com os quais tiveram contato, refletiram e escreveram os seus clássicos. Uma lição valiosa que para nós ficou, mas uma lição a ser aprendida.

Bibliografia

Fontes Primárias

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

EADMERO DE CANTERBURY. Vida de San Anselmo por su discipulo Eadmero. In: **Obras completas de San Anselmo**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1952.

GUIBERT DE NOGENT. **Autobiographie**. Paris: Les Belles Lettres, 1981 (Edição e tradução de Edmond-René Labande).

HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascálicon: da arte de ler**. Trad. de Antonio Marchionni. Petrópolis: Vozes, 2001.

JOHN OF SALISBURY. **Policraticus: of the frivolities of courtiers and the footprints of the philosophers**. Edição e Tradução de Cary J. Nederman. Cambridge: Cambridge University, 1990.

_____. **The Metalogicon of John of Salisbury: a twelfth-century defense of the verbal and logical arts of the Trivium**. Tradução, introdução e notas de Daniel D. McGarry. Berkeley / Los Angeles: University of California, 1971.

LÚCIO ANEU SÊNECA. **Cartas a Lucílio**. 4. ed. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2009.

MARCO FÁBIO QUINTILIANO. **Instituições oratórias**. Tradução de Jerônimo Soares Barbosa. São Paulo: Cultura, 1944 (2 volumes).

SAN ISIDORO DE SEVILLA. **Etimologías**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004 (Texto latino, versão espanhola e notas de Jose Oroz Reta e Manuel-A. Marcos Casquero).

SANTO AGOSTINHO. **A natureza do bem**. 2ª ed. Tradução de Carlos Ancêde Nougé. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.

Fontes Secundárias

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BROWN, Peter. **A ascensão do cristianismo no ocidente**. Lisboa: Presença, 1999.

CLEAVER, Laura. Grammar and her children: learning to read in the art of the twelfth century. **Marginalia: The Journal of the Medieval Reading Group at Cambridge**, Cambridge, vol. 9, 2009.

COLOMBÁS, García M. **La tradición benedictina: ensayo histórico – los siglos VIII-XI**. Zamora: Monte Casino, tomo terceiro, 1991.

COSTA, Ricardo da. “A verdade é a medida eterna das coisas”: a divindade no *Tratado da Obra dos Seis Dias*, de Teodorico de Chartres (†c. 1155). In: ZIERER, Adriana (org.). **Uma viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares**. São Luís: UEMA, 2010, p. 263-281.

- _____. Los clásicos que hacen clásicos: la importancia de los clásicos y de la tradición clásica en la configuración del canon cultural medieval. 2011. Disponível em www.ricardocosta.com/pub/Los%20cl%El%20sicos%20que%20hacen%20cl%El%20sicos.pdf acesso em 26 de junho de 2011.
- FAVIER, Jean. **Carlos Magno**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- FERNÁNDEZ, Emilio Mitre (coord.). **Historia del cristianismo: el mundo medieval**. Madrid: Trotta, v. 2, 2004.
- GILSON, Étienne. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GUERREAU, Alain. **O feudalismo: um horizonte teórico**. Lisboa: 70, s/d.
- LACASTA, Javier Faci. El *Policraticus* de Juan de Salisbury y el mundo antiguo. Disponível em www.ucm.es/BUCM/revistas/ghi/02143038/articulos/ELEM8484120343A.PDF acesso em 29 de junho de 2011.
- LANZIERI JÚNIOR, Carlile. A mão que açoita é a do mestre que ama e ensina: os castigos físicos na educação monástica medieval através de fontes originais. **Mythus**: revista acadêmica, Cataguases, FIC/FUNCEC, n. 2, 2009, p. 64-76.
- _____. Da diuturna faina espiritual à sapiência dos doutos: a prática do saber sob a pluma de mestres medievais. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH: 50 anos**. Disponível em http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307281772_ARQUIVO_XXVISimpósioNacionaldeHistoria2011.pdf.
- LAUAND, Luiz Jean (org.). **Cultura e educação na Idade Média: textos do século V ao XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LE GOFF, Jacques. **Os intelectuais da Idade Média**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- McGARRY, Daniel D. Introduction. In: JOHN OF SALISBURY. **The Metalogicon of John of Salisbury: a twelfth-century defense of the verbal and logical arts of the trivium**. Berkeley: University of California, 1971, p. xv-xxvii.
- NUNES, Ruy Afonso da Costa. **Gênese, significado e ensino da filosofia no século XII**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974.
- PERNOUD, Régine. **Idade Média: o que não nos ensinaram**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- VERGER, Jacques. **Cultura, ensino e sociedade no ocidente: nos séculos XII e XIII**. Bauru: Edusc, 2001.